

Impressões de Rio+20 e a Cúpula de Povos

Por Laura Tulchin (LABMUNDO-RJ)

Com sua grande quantidade de palestras, eventos, exposições, oficinas, mesas redondas e discussões, a Conferência de Rio+20 e a Cúpula dos Povos deixaram uma forte impressão em relação à busca por um mundo mais sustentável: entre o consenso de que algo tem de ser feito para criar uma mudança fundamental na relação entre o humano e o planeta, existem dois caminhos que até agora não conseguem se encontrar.

A reação mais evidente à Cúpula de Povos é um espanto diante da quantidade e diversidade de pessoas que viajaram de longe para fazer parte dos eventos. Nesse sentido, o evento é uma grande, dispersa e ativa motivação para chamar a atenção aos enormes desafios em criar um mundo sustentável. E não é simplesmente afirmar que pessoas do mundo inteiro vieram para o Rio a fim de discutir a questão, mas que a variedade de perspectivas da questão da sustentabilidade representa a variedade de problemas que um mundo insustentável cria. A Cúpula dos Povos é uma manifestação em que tratar de sustentabilidade é falar de pobreza, desigualdade, racismo, sexismo, aborto e controles anticoncepcionais, a crise financeira, povos indígenas, o futuro do estado-nação e a globalização. Reconhecer esses aspectos pode criar um sentimento esmagador, além de uma força encorajadora: se os problemas são interconectados, as soluções também o são.

Em paralelo à Cúpula, há o caminho governamental da Conferência de Rio+20. Não é surpreendente que esse canal até a sustentabilidade seja marcado por isolamento, oficialidade e política. A dificuldade em criar um documento final da Conferência oficial, as outras crises mundiais e a inércia governamental dos últimos vinte anos deixam outra impressão. Em vez de criar esperança, o Rio+20 cria uma sensação de desespero que a miríade de fatores que têm de ser considerados são complexos e políticos demais para se realizar um acordo significativo.

O *gap* – o vão – entre a esperança criada pela Cúpula de Povos e o desespero da Rio+20 é mais preocupante quando se considera que, na realidade contemporânea, o mundo olha para ações governamentais para, aí sim, iniciar uma maneira mais sustentável de desenvolvimento. É claro que uma mudança de mentalidade da parte dos indivíduos é necessária, porém a sustentabilidade precisa ser encarnada pelos governos. O desafio de ação coletiva nunca foi tão grande quanto agora, quando uma ameaça de um aumento de temperatura mundial nos submete a riscos de catástrofes ecológicas.

Na base das discussões da Rio+20 há o problema das mudanças de poder global. A Conferência está ocorrendo durante um período de instabilidade da ordem internacional, e inevitavelmente, as questões de sustentabilidade são questões de responsabilidade do poder instalado. Porém, os mais de sessenta anos de história da ONU nos deixam com as ferramentas da diplomacia do multilateralismo, a cooperação sul-sul e a cooperação norte-sul. O mundo espera para ver se tais ferramentas serão utilizadas nesse momento crucial de tanta responsabilidade e necessidade. ■